

Lusofilia e raízes identitárias
no conto “My Hunt for King Sebastião”, de Katherine Vaz¹

João de Mancelos
(Universidade Católica Portuguesa)

Palavras-chave: Katherine Vaz, sebastianismo, identidade, Diáspora, epifania

Keywords: Katherine Vaz, “sebastianismo”, identity, Diaspora, epiphany

1. Através das portas douradas

Na base da Estátua da Liberdade, oferecida pelo governo francês ao norte-americano, em 1886, podem ler-se os célebres versos de Emma Lazarus (1849-1887):

Give me your tired, your poor,
Your huddled masses yearning to breathe free,
The wretched refuse of your teeming shore.
Send these, the homeless, tempest-tossed to me,
I lift my lamp beside the golden door!
(*apud* Tindall e Shi, 1999: 940)

Esta porta de ouro para uma vida menos agreste foi particularmente apelativa para os açorianos. Escassas regiões europeias produziram um fluxo migratório rumo aos Estados Unidos da América tão intenso como o desse arquipélago. Segundo o recenseamento empreendido em 1970, o número de luso-americanos de primeira geração ou seguintes equivale à totalidade dos habitantes das ilhas do Pico, Faial, Terceira, Graciosa e São Jorge, e constitui noventa por cento dos portugueses e descendentes a viverem em terras do Tio Sam (Pires, 1996: 313).

As razões para esta vaga migratória variaram de acordo com as circunstâncias históricas nesta e naquela margem do Atlântico. Sobretudo a partir de 1870, muitos açorianos escutaram o canto das baleias, e embarcaram numa faina que tinha tanto de perigoso como de lucrativo. Patrícia Pinto encontra o legado desta época numa cidade piscatória norte-americana:

New Bedford (...) guarda inúmeros sinais e nomes evocativos da presença portuguesa nessa fantástica epopeia que foi a caça à baleia nos mares do Atlântico e do Pacífico, desde o final do século XVIII até ao primeiro quartel deste século. Fugindo das ilhas e da miséria sem

¹ Mancelos, João de. “Lusofilia e Raízes Identitárias no Conto ‘My Hunt for King Sebastião’, de Katherine Vaz”. *Lusofílias*. Coord. António Manuel Ferreira. Aveiro: Universidade de Aveiro/Departamento de Línguas e Culturas, 2008. 199-208. ISBN: 978-972-789-285-3

horizontes, os açorianos tornaram-se imprescindíveis nas tripulações dos navios baleeiros americanos. Com eles chegaram mesmo a capitães, e foi com eles que se iniciou essa diáspora que ainda hoje permanece. “She blows” (ela sopra) foi a primeira coisa que aprenderam a dizer em inglês. (Pinto, 1999: 93)

No entanto, as razões para a diáspora nem sempre eram tão eufóricas como a caça à baleia ou o ouro californiano, descoberto em Sutter’s Mill, em meados do século dezanove. Em 1958, eclodiu o Vulcão dos Capelinhos, na ilha do Faial, expelindo rios de lava e ocasionando uma queda de cinzas que sepultou habitações, campos de cultivo e pastagens. Nesse mesmo ano, graças ao empenho de senadores norte-americanos dos estados de Rhode Island e Massachusetts, onde subsistem sólidas comunidades portuguesas, foi aprovado o *Azorean Refugee Act*. Este proporcionou lenitivo aos sinistrados, através da atribuição de mil e quinhentos vistos de residência em território norte-americano. Por fim, a partir de 1968 e durante parte da década de setenta, os mais jovens embarcavam numa tentativa de escapar ao recrutamento certo para uma Guerra Colonial longa e inganhável (Pires, 1996: 313-14), e que o escritor açoriano João de Melo tão bem descreve no romance de diáspora *Gente Feliz com Lágrimas* (1988).

Regra geral, a população que viajou para os Estados Unidos no decorrer das referidas vagas migratórias não regressa às ilhas, optando por se fixar e constituir família na pátria de acolhimento, um projeto de vida nem sempre fácil na “Lusolândia” ou “Portufórnia” (Pires, 1996: 308). Sobretudo durante a década de vinte do século passado, os açorianos no Novo Mundo sofreram, tal como outros, a discriminação do grupo dominante, o “White Anglo-Saxon Protestant”, que deles projetava uma imagem distorcida de pobreza, sujidade e vício. Até aos anos sessenta, uma outra força, a da aculturação, pretendia despojar as comunidades étnicas dos traços mais elementares da sua identidade (a língua, as festividades e costumes) para os americanizar.

Reagindo quer à discriminação quer ao assimilacionismo imposto, as comunidades luso-americanas souberam, ao mesmo tempo, relacionar-se dinamicamente com outros grupos, numa identidade que, sendo híbrida ou hifenizada, não abdica dos seus traços identitários e das fronteiras simbólicas. Consequentemente, permanece entre os luso-americanos um “sentido do nós” (Cohen, 1995: 117), uma feliz expressão que designa, afinal os laços linguísticos, culturais, e interfamiliares que mantêm uma comunidade coesa, e suficientemente distinta para ser reconhecida como um núcleo, na sociedade multicultural estado-unidense.

Tal não significa que o grupo luso-americano se mantenha estático, nem isso seria possível numa nação de nações feita, onde o intercâmbio socioeconómico e cultural com o Outro é substancial. Os emigrantes açorianos do século XVIII são distintos dos seus

descendentes atuais e também dos recém-chegados, talvez menos no propósito de procura do “golden dream”, e mais nos hábitos e vivências do quotidiano. Porque todas as identidades são construídas, de geração em geração, as marcas características perdem-se, por um lado, ganham-se, por outro, e transformam-se sempre. Deste modo, se alguns indivíduos acarinhos as raízes étnicas e culturais, com orgulho, outros seguem rotas diversas, e desinteressam-se ou deliberadamente voltam costas às origens, por vezes numa busca de aceitação pelo grupo hegemónico e dominante (Hall, 1996: 4), isto porque as identidades também são *escolhidas* por cada um.

2. A busca do Outro em si e de si no Outro

Qualquer que seja o caso (aceitação, recusa ou mesmo escolha de outra imagem), existe frequentemente um interesse acerca das origens étnicas ou familiares, que leva um indivíduo a pesquisar o passado e lhe revela algo marcante para a sua identidade pessoal e comunitária. Por inerência, esta “visão do outro lado do espelho”, que os estudos de alteridade analisam, proporciona também aos portugueses uma certa perspetiva do nosso país, que há todo o interesse em examinar (Martins, 2004: 10).

A literatura de diáspora aborda a procura das raízes, a vivência dos emigrantes e seus descendentes nos EUA, e o “sentimento de dupla pertença” (Mendes, 2003: 29), pela pena de autores como George Monteiro, Thomas Braga, o poeta Frank X. Gaspar, José Brites, Erika Vasconcelos, Onésimo Teotónio de Almeida ou Katherine Vaz. É desta última escritora a antologia de contos *Fado & Other Stories* (1997), vencedora do Drue Heinze Literature Prize.

A obra assume-se, logo na dedicatória, como enleada à cultura portuguesa: “For my mother, Elizabeth Sullivan Vaz, whose love of stories is at the center of my history, and for my father, August Mark Vaz, whose love of history regarding his Azorean heritage has led me to so many magical stories” (Vaz, 1997: dedicatória). Na verdade, em *Fado & Other Stories*, recorrem figuras da História (Fernão de Magalhães e Dom Sebastião) e das letras (Florbelia Espanca e Fernando Pessoa). Invocam-se ainda lendas (a de São Miguel e da Atlântida), tradições religiosas (as festas em honra de Nossa Senhora das Estrelas), eventos desportivos (a largada de touros), arte (a azulejaria e a arquitetura açoriana) e música (sobretudo o fado, mas também canções infantis como o “Giroflé, giroflá”). Estas alusões encontram-se integradas no plano diegético sem despropósito, nem sequer preocupação pedagógica demasiado evidente.

É neste contexto de redescoberta de mitos que navega o conto “My Hunt for King Sebastião”, um dos mais conseguidos, em termos de conteúdo simbólico e de estilo, da obra. A narrativa selecionada adapta-se, portanto, ao tema global deste *15º Encontro de Estudos*

Portugueses: Lusofilias, um vocábulo que me agrada ver pluralizado, pois assim enfatiza a diversidade de perspectivas, afetos e desamores que este sentir e *sentir-se* português implica.

Segundo Paulo Ferreira da Cunha, abordar as lusofilias envolve necessariamente uma “demanda da identidade portuguesa na procura da realidade e do sentido das nossas relações internacionais, em boa medida, impregnadas de mito” (Cunha, 2005: 12). Recupero três termos do passo citado (“demanda”, “identidade”, “mito”) e relaciono-os com o título do conto de Vaz: “My Hunt for King Sebastião”. O possessivo “my” revela tratar-se de uma busca *pessoal*, neste caso empreendida por Dean Borges, um jovem luso-americano de segunda geração, com ascendência açoriana por via paterna, a residir e a trabalhar na Califórnia. A procura expressa-se no termo “hunt”, que significa “caçar” ou “procurar”, como quem busca um tesouro, por exemplo, ou algo tão inestimável quanto a herança identitária. No entanto, a palavra inglesa “hunt” apresenta uma sonoridade semelhante a “haunt”, ou seja, “assombração” — e que mito assombra ou espanta mais os portugueses que o sebastianista?

Dom Sebastião I ou Sebastião de Portugal (1554-1578), o nosso décimo-sexto rei, decidiu, no contexto de um projeto de Cruzada, conquistar o reino de Marrocos. Não se tratava de uma expedição militar necessária, como lhe tentou fazer ver o tio, Filipe II de Espanha que, aliás, optou por não participar no esforço bélico, e prudentemente adiou o matrimónio de uma das filhas com o Desejado. No entanto, em 1578, o monarca, com apenas vinte e quatro anos, precipitou-se sobre Fez, enfrentando o Sultão Ahmed Mohammed, mais experiente e conhecedor do terreno. O exército português, com apenas mil e quinhentos cavaleiros em comparação com os quarenta e um milhares do adversário, foi desbaratado e, com ele tombou Dom Sebastião, perto de El-Ksar-el-Kebir (Marques, 1973: 422).

Não há qualquer certeza de ser o seu corpo que repousa no Mosteiro da Batalha, para ali mandado transladar por Filipe I de Portugal com o fito de pôr termo ao movimento sebástico, que aguardava o regresso miraculoso do rei salvador. Este é, afinal, um culto em redor de um monarca encoberto, similar a Artur de Inglaterra, ou a Frederico Barbarossa da Alemanha, capaz de messianicamente libertar Portugal do jugo espanhol ou, após a Restauração da Independência, de qualquer conjuntura de crise grave. Por extensão, o sebastianismo passou a representar a esperança num futuro utópico, onde Portugal reencontrará a riqueza material ou, na perspectiva pessoana, uma cultura e espiritualidade superiores (Marques, 1973: 430-31).

O narrador e protagonista de “My Hunt for King Sebastião”, Dean Borges, contacta com este mito ao empreender uma viagem aos Açores, a pedido do seu pai, Jaime, advogado na Califórnia. Este desejava entregar um pequeno lote de terra a algum dos potenciais herdeiros, a ser escolhido pelo seu filho, especialista em trabalho legal. Aparentemente, esta jornada, com uma breve duração, permitiria ao jovem tirar férias e conhecer a pequena ilha Terceira, que o

pai deixara aos dezoito anos. Dean informa o leitor sobre a sua curiosidade acerca das raízes identitárias, embora encare esse desejo como fruto da moda:

Nowadays, people like to claim that they're the product — and I mean exactly that — of the land of their ancestors; it suggests ceremonies and royalty and flights of fancy, more glamorous than the shopping lists we make of our days. I'm like that myself. My parents wanted to be American, but people my age want to make the most exotic portion of their blood and paint themselves a character out of it. (Vaz, 1997: 20)

Efetivamente, a jornada de Dean ultrapassará o mero âmbito turístico, para se constituir como um ritual de passagem, que os antropólogos classificam de imersão, pela qual um neófito é posto à prova através de diversas experiências. Se ultrapassar esses desafios, aguarda-o uma epifania que lhe permitirá um conhecimento mais profundo e orgulhoso não apenas da comunidade e história dos antepassados, mas também de si (Eliade, 2000: 177).

Um primeiro sinal desta revelação ocorre quando Dean contempla, partir do avião, a neblina que cobre a ilha atlântica, procurando formas discerníveis: “what a feeling, to be a flying creature entering the fog, scanning it for shapes and traces of some message” (Vaz, 1997: 22). Os termos “fog” e “message” evocam a epígrafe do conto, retirada da terceira parte de “Os Avisos”, da obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa (1888-1935), e pressagiam um regresso às origens: “Ah, quando quiserás, voltando, / Fazer minha esperança amor? Quando, meu Sonho e meu Senhor?” (*apud* Vaz, 1997: 16; Pessoa, 2006: 82). Dean nunca estivera no arquipélago, é um facto, mas afirma sentir saudades das ilhas, mesmo antes de aterrar em Angra do Heroísmo (Vaz, 1997: 22). Paulo Ferreira da Cunha explica esta sensação de reencontro: “O emigrante, longe da terra natal, efabula um *omphalos*, um umbigo do mundo, (...) doirado pela memória selectiva, engalanado pela saudade, retocado de desejo, adornado de esperança” (Cunha, 2005: 24).

O jovem é recebido pelos afáveis tios David e Matilda, numa casa típica, com vista para o mar, situada nos arredores de Angra do Heroísmo. É através destes que conhece a lenda de Dom Sebastião, evocado nos versos transcritos. Ao jantar, quando uma forte corrente de ar faz bater uma das portas, David exclama “It’s Sebastião!”, e apressa-se a explicar ao sobrinho: “Sebastião was the young king whose body was never found on the battlefield of Alcácer-Quibir, and he was supposed to ride in one day on the mist, a messiah who would restore the lost glory of Portugal” (Vaz, 1997: 26).

A lenda insinua-se na mente de Dean, talvez menos como um símbolo de *esperança* e mais uma representação da *perda* perpétua de alguém amado. Toda a narrativa se encontra

ensombrada por abandonos, na esfera das relações amorosas: o tio David sai à noite para ir ter com a amante, deixando a esposa solitária; o namoro de Dean com Cecilia soçobra; a mãe do jovem luso-americano trocara o pai por outro homem, após longos anos de casamento; e, por fim, Claudia, uma prima distante de Dean, perdera o marido quando era ainda jovem. Este rol de desgosto deixa as personagens assombradas (“haunted”) e conscientes do fatalismo que recaiu sobre si, embora algumas delas prossigam a sua demanda (“hunting”) em busca de amor. Existe, desta forma, uma procura dupla no conto de Katherine Vaz: por um lado, a do afeto; por outro, a das raízes identitárias. Ambas requerem coragem ou *desassombramento*, como Dean está prestes a descobrir.

3. O teste da morte e do amor

Apesar da pressa diligente em entrevistar os potenciais herdeiros, para cumprir a sua missão de atribuir a um deles o lote de terra, Dean enfrenta um contratempo, que se revelará não uma pausa, mas um elemento catalítico da narrativa. No contexto das festas em honra de Nossa Senhora das Estrelas, o jovem luso-americano é convidado a assistir a uma tradicional largada de touros. À medida que a multidão escolhe os lugares mais seguros da praça, Dean observa os indivíduos que deteta serem emigrantes ou filhos destes, como ele próprio:

The Azores was a place, like Ireland, where people grew up to leave, and out in the villages today flags were being raised to show where the children of the house had gone. Mostly they went to Canada now, and there would also be Brazilian, American and French flags, like faraway dreams waving in the breeze. (Vaz, 1997: 29)

A largada de touros, um espetáculo assustador, é anunciada nestes termos coloridos: “When a horn sounded, you’d have thought that heaven had dropped acid into the middle of the square” (Vaz, 1997: 29). Sob o sol escaldante, Dean assiste às manifestações de valentia dos habitantes, e também aos ataques dos animais, que causam algumas vítimas. O jovem sente que deve intervir, mas hesita: por um lado, tem pavor e deseja que outra pessoa venha em socorro dos feridos; por outro, a consciência atormenta-o. Dean evoca, de jacto, o viril escritor Ernest Hemingway (1899-1961), apreciador de espetáculos tauromáquicos, Jesus Cristo e, por fim, o rei desejado: “Sebastião, Sebastião! Will you refuse to save me, now that I have discovered I’m afraid to die for another man, for a child? For strangers?” (Vaz, 1997: 31). Em pânico, Dean corre pela bancada, lança-se para a rua, e por pouco não é colhido por um touro, antes de se refugiar atrás de um camião.

Mais tarde, diante de algumas cervejas reflete sobre a experiência humilhante, e a

revelação que lhe proporcionara: “It was too late to repeat my first test concerning whether I would save a stranger. (...) This didn’t feel like the one grand event of my life, not yet, but today was going to be a tissue overlay on whatever was before me, that much I had gathered” (Vaz, 1997: 32).

Dean salvara-se de um ataque talvez mortal, mas sobreviveria ao teste do amor? Ao longo das entrevistas que efetua junto dos potenciais herdeiros, conhece Claudia, uma prima do lado paterno, que perdera o marido quando este tinha apenas vinte e cinco anos. O luso-americano pensa que Claudia deseja, tal como os outros parentes, a propriedade. Contudo, engana-se: a mulher não pretende obter nada dele, mas antes prestar-lhe uma informação, fundamental para Dean conhecer as origens.

Na obscuridade quase solitária de um café, entrega-lhe uma fotografia de um jovem parecido com ele: “Keep it. You need to. I know you don’t have any pictures of your brother” (Vaz, 1997: 36). Dean nega a existência de qualquer irmão, mas Claudia revela-lhe que Jaime Borges fora casado, e que a primeira esposa falecera, depois de ter dado à luz um filho. Assombrado por uma dor insuportável, deixara a criança ao cuidado de uma tia, e emigrara da Terceira para a Califórnia. Quando já se encontrava estabelecido, convida o filho a viver com ele, mas este enraizara-se na ilha, e sucumbiria à doença.

Dean sente-se enganado por tantas omissões, e Claudia compreende essa revolta: “Don’t be angry with your father (...). His pain killed him very young” (Vaz, 1997: 37). Dean concebe, então, o real motivo da viagem: o pai não o enviara aos Açores apenas para legar a terra a um herdeiro, mas também para que *tropeçasse* na verdade e, dessa forma, pudesse perceber melhor a dor de Jaime.

Na ilha onde o pai perdera a paixão, Dean ganha-a, junto de Claudia. Na sua companhia, revisita um precipício, onde as anémonas, como almas, nadam e dançam; carpem ambos os desejados que perderam no jogo da vida; amam-se nas margens do oceano encoberto; e libertam-se do passado asfixiante, como revela este passo poético de Katherine Vaz:

If I were patient enough for the mists to shift just right to obscure that tree in the distance, I could climb it and stretch out my arms, and they’d mistake me for Sebastião. From the strength of their trust I could fly where I wanted; I could go to you, and you could tell me who you are and what glories you’ve seen, and if you are alone, you can impart to me truthfully how you feel to be abandoned; and if you would do me the exquisite kindness, then, of allowing me to read your face, and all that is born in your eyes. (Vaz, 1997: 41)

E é através deste olhar mútuo que Claudia e Dean se cumprem e completam, como se cada um deles fosse o Dom Sebastião, regressado, finalmente, ao futuro do outro.

Bibliografia

- Cohen, Anthony. *The Symbolic Construction of Community*. New York: Routledge, 1995.
- Cunha, Paulo Ferreira da. *Lusofílias: Identidade Portuguesa e Relações Internacionais*. Porto: Caixotim, 2005.
- Eliade, Mircea. *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Tradução de Manuel Simões. Lisboa: Edições 70, 2000.
- Hall, Stuart. "Who Needs Identity". *Questions of Cultural Identity*. Eds. Stuart Hall and Paul Du Gay. London: Sage, 1996. 1-17.
- Marques, A. H. de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa: Ágora, 1973.
- Martins, Otília Pires. "A Alteridade: Conceito e Representações". *Portugal e o Outro: Imagens e Viagens*. Coord. Otília Pires Martins. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. 9-11.
- Mendes, Ana Paula Coutinho. "Ficções de Luso-Descendentes e Identidades Híbridas". *Cadernos de Literatura Comparada*, n. 8/9. Orgs. Ana Luísa Amaral et al. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003. 27-49.
- Pessoa, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.
- Pinto, Patrícia Vaz. "Uma Ponte para o Massachusetts". *Grande Reportagem*, n. 95 (fev. 1999): 92-102.
- Pires, Maria Laura Bettencourt. *Sociedade e Cultura Norte-Americanas*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- Tindall, George Brown, and Savid E. Shi. *America: A Narrative History*. New York: Norton, 1999.
- Vaz, Katherine. *Fado & Other Stories*. Pittsburgh: U of Pittsburg P, 1997.

Resumo

A coletânea *Fado & Other Stories*, da conhecida escritora luso-descendente Katherine Vaz, foi galardoada com o prestigiante Drue Heinze Literature Prize, em 1997. O livro inclui diversas narrativas de diáspora, onde emigrantes dos Açores e Madeira, a viverem na Califórnia e no Havai, evocam mitos, tradições e factos da cultura portuguesa. Diversas personagens se debatem com uma identidade híbrida e com a saudade da terra que deixaram, em busca do sonho americano. A narrativa "My Hunt for King Sebastião", por exemplo, descreve a viagem empreendida pelo jovem luso-descendente Dean à terra do pai, nos Açores. Neste artigo, argumento que a mera visita do protagonista para tratar de uma herança se volve num percurso iniciático de autoconhecimento e de descoberta das origens, da família e do amor. O conto apresenta um tom etnográfico, na descrição da paisagem, arquitetura e tradições açorianas, e

na imagem central da lenda sebastianista.

Abstract

The anthology *Fado & Other Stories*, by the celebrated Luso-American writer Katherine Vaz was awarded the prestigious Drue Heinze Literature Prize, in 1997. The book includes several narratives of the Diaspora genre, where emigrants from the islands of Madeira and Azores, living in California and Hawaii, evoke myths, traditions and facts of the Portuguese culture. Several characters struggle with their hybrid identity and with the *saudade* of the homeland they left in pursuit of the American dream. The short story “My Hunt for King Sebastião”, for instances, describes the journey of Dean, a young Portuguese descendant, to the island of his father, in Azores. In this paper, I argue that the protagonist’s mere trip to deal with a heritage becomes a journey of initiation, self-knowledge and discovery of origins, family and love. The narrative presents an ethnographic tone in the description of the Azorean landscape, architecture and traditions, and in the central image of the Dom Sebastião legend.